

FOTOS PATRICK MARINHO

MARÉ

DE NOTÍCIAS

TRANSFORMAÇÃO AMBIENTAL DA MARÉ

Luta por saneamento e preservação do ecossistema marcam os 30 anos do bairro



ACESSE O SITE



SEGURANÇA PÚBLICA | BOLETIM REGISTRAR 211 VIOLAÇÕES EM 2023, COM 77% DE INVASÃO DE DOMICÍLIO
- PÁGINA 3

ALTA DE PREÇOS | CHUVAS, CRISE POLÍTICA E PERÍODO JUNINO ATINGEM BOLSO DOS MORADORES
- PÁGINAS 4 E 5

EDITORIAL

Continuamos nesta edição celebrando os 30 anos do bairro Maré e lembrando que nada foi dado, tudo precisou ser conquistado.

Entramos no segundo semestre e é impossível não fazer um balanço do primeiro, uma revisão da lista de metas e desejos para 2024. Há sem dúvidas as listas individuais, mas os desejos coletivos também pulsam, aquilo que todo mareense deseja para si e para o território.

Já em janeiro, quando a Maré comemorou os 30 anos, os desejos pela Paz eram praticamente unânimes entre os moradores. Infelizmente, faz tempo que a Paz vence na lista de desejos. Paz para dentro de casa, mas também paz para as ruas e becos.

Se em julho, a nossa reportagem de capa analisa a luta por direitos ambientais como uma luta por direitos humanos básicos, a Paz, diante das 19 operações policiais em 6 meses, parece distante dessa conquista.

Apesar de prioritária, a questão da Paz nas favelas não se resume apenas à ausência de conflitos armados. Ela abrange a busca por segurança, justiça e dignidade para todos os seus moradores. Neste caso, a violência é apenas um sintoma de problemas estruturais mais profundos, como a falta de oportunidades econômicas, acesso precário a serviços básicos e a negligência do Estado.

TARGIFOR | DICA DE SAÚDE

CONHEÇA 10 VITAMINAS
PARA DAR ENERGIA E
DISPOSIÇÃO



Inscrições abertas

ESCREVA SEU FUTURO

Alfabetização para mulheres da Maré

Se você é:

- . Mulher moradora da Maré;
- . Tem mais de 15 anos;
- . Não teve chance de frequentar a escola na infância, largou os estudos no começo do Ensino Fundamental ou tem dificuldade na escrita e na leitura.

TURMAS MANHÃ, TARDE E NOITE

Nova Holanda

Aulas de segunda a quinta-feira, das 10h às 12h

Areninha Cultural Municipal Herbert Vianna

Aulas de segunda a quinta-feira, das 10h às 12h

Vila dos Pinheiros

Aulas de segunda a quinta-feira, das 8h às 10h

Conjunto Esperança

Aulas de segunda a quinta-feira, das 10h às 12h

Casa das Mulheres

Aulas de segunda a quinta-feira, das 14h às 16h

Aulas de segunda a quinta-feira, das 19h às 21h

VENHA APRENDER
A LER E A ESCREVER

QUER ANUNCIAR NO
MARÉ DE NOTÍCIAS?
ENTRE EM CONTATO
E SAIBA MAIS!

Whatsapp:
21 97271-9410



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

da
redesmaré
MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

15 Associações de Moradores da Maré

EDITOR EXECUTIVO E
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Affonso Dalua

EDITORA
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA
Affonso Dalua
Douglas Lopes
Gabi Lino
Pedro Prado
Patrick Marinho

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Andrezza Paulo
Henrique Silva
Hélio Euclides
Lucas Feitoza
Maria Teresa Cruz

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE
CITADA A FONTE.

FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda - Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

PATROCÍNIO:



Targifor

APOIO:



Magalu

REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



TUDO O QUE CONQUISTEI FOI DESTRUÍDO

8º Boletim de Segurança Pública da Maré revela que invasão de domicílio foi a violação mais registrada durante operações policiais em 2023

MARIA TERESA CRUZ

No dia 14 de fevereiro de 2023, pouco depois das 10h, uma comerciante recebeu uma mensagem de um conhecido, informando que o estabelecimento dela havia sido invadido por policiais. Nesta data, a Maré viveu mais um dia de operação com a presença da Polícia Civil e Polícia Militar. A profissional foi até o local e encontrou tudo revirado.

“Vi uma cena de terror! Tudo o que conquistei com muito suor foi destruído. Quebraram a porta, armário, teto de PVC, geladeira, jogaram meus materiais de trabalho na rua. Minhas espreguiçadeiras quebradas, e o estoque de guaraná, coca-cola, entre outras bebidas, tomaram tudo. Levaram o som, a sanduicheira, e alguns produtos de bronzamento”, relata.

Esse testemunho retrata parte dos dados sobre operações policiais de 2023, disponíveis no 8º Boletim Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça na Maré, lançado no último dia 14 de junho. O documento é feito pelo projeto *De olho na Maré*, que integra o eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, da Redes da Maré.

CAMPEÃO DE DENÚNCIAS

Foram registradas 211 violações de direitos dos moradores nas 34 operações ocorridas no ano passado. A campeã foi justamente a que ilustra a história, que abre a reportagem: invasão de domicílio.

Dano ao patrimônio, furto de pertences e violência física e psicológica

por parte dos agentes do Estado, também foram identificadas no relatório. Os dados anuais mostram que o desrespeito à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635, ou ADPF das Favelas, não expressam casos pontuais, mas, sim, uma conduta do Estado.

No ano passado, a polícia descumpriu sistematicamente seis preceitos da ação. Um dos destaques foi a ausência no uso de câmeras corporais pelos agentes da segurança pública, importante dispositivo para combater ilegalidades durante as operações. Em 2023, somente em sete das 34 operações policiais, foi observado o uso de câmera de vídeo nos uniformes dos agentes.

5 PERÍCIAS EM OITO ANOS

A ausência de perícia em situações de morte também chama a atenção e é problemática porque impacta diretamente a investigação: na questão do devido processo legal sobre o fato e uma eventual responsabilização do Estado sobre essa morte. Em nenhuma das oito mortes ocorridas foi realizada a perícia e, em quatro delas, houve início de execução.

Desde 2016, início do monitoramento que deu origem ao boletim, de 128 mortes, somente 5 casos houve perícia no local. “Apenas através desse procedimento, conseguimos compreender como aconteceu as dinâmicas de mortes em operações como dessa semana. É inadmissível como o ‘não direto’ ao processo investigativo está colocado para os moradores da Maré. Tal fato escancara a desigualdade de como a política de segurança não contempla e não está direcionada para as pessoas que moram na Maré”, analisa Liliane Santos, coordenadora do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à

Justiça, da Redes da Maré.

SEM BRINCAR

O levantamento mostra que os estudantes perderam um quarto do semestre letivo de 2023 devido ao fechamento de escolas durante operações. O direito de brincar das crianças também acaba ficando restrito. Um estudo sobre a primeira infância na Maré mostra que, mais de 80% das crianças de 0 a 6 anos, têm a própria casa como principal espaço de lazer.

O sistema de saúde também é impactado a cada operação. No acumulado do ano, a população ficou 26 dias sem atendimento de saúde, por interrupção no serviço. Em muitos casos, apenas a interrupção do atendimento domiciliar é suspensa. Isso afeta diretamente pessoas que sofrem doenças crônicas e têm restrição de mobilidade.

Essas situações podem, em um primeiro momento, não parecerem violações diretas, mas geram impactos que são difíceis de mensurar a curto prazo. Para crianças em idade escolar, por exemplo, o desenvolvimento e aprendizagem pode ser afetado.

Se a educação, saúde e lazer são direitos assegurados pela constituição brasileira para toda população, por que para os moradores de favelas não seria?

“A Redes da Maré tem um papel importantíssimo na articulação de melhorias para qualidade de vida dos moradores da região. Isso inclui pensar a política de segurança pública de forma ampliada e articulada a outras políticas, e não apenas a partir do aparato bélico”, explica Liliane.

Acesse o 8º Boletim Direito à Segurança Pública na Maré no QR code:



FOTOS PEDRO PRADO



BATATA DO CONSUMIDOR ASSANDO

Enchentes no Sul, dólar e período junino causam aumento de preço dos alimentos e atingem bolso da população

HÉLIO EUCLIDES E
JORGE MELO

// Olha a chuva. É verdade! Olha o preço baixo. É mentira!". Uma série de acontecimentos prejudicaram o orçamento da população: as chuvas no Rio Grande do Sul, o consumo maior de produtos juninos e o dólar, que atingiu no dia 20 de junho o valor de R\$5,58. Como sempre, o consumidor mais pobre foi o mais prejudicado e assustado com os preços nas prateleiras dos supermercados, feiras e sacolões.

PREÇOS INTERLIGADOS

A interligação da econômica faz com que o que ocorre em um determinado lugar, atinja outros. Com as chuvas que atingiram o Rio Grande do Sul em maio deste ano, enquanto pessoas perderam familiares e bens, em outros estados, havia quem pegava a calculadora para avaliar prejuízos e possíveis lucros com a situação.

O vilão da vez foi o arroz, que já vinha em alta desde o início do ano, em virtude de condições climáticas. Depois das enchentes no Rio Grande do Sul, que é um grande produtor do

país, o que se viu foram consumidores correndo para estocar o produto, uma justificativa para mais aumento. No fim de maio, o arroz atingiu a sua maior cotação: R\$122 a saca (50 kg), uma alta de 15% em relação ao início do mesmo mês.

EXPLICANDO O PROBLEMA

O governo federal precisou intervir e decidiu importar 300 mil toneladas de arroz, por meio de um leilão da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A proposta era que o saco de cinco quilos ficasse entre R\$20 e R\$25.

A tentativa de leilão foi um fiasco. O agronegócio justificou que empresas sem histórico de atuação no mercado de cereais participaram do leilão e arremataram lotes. Outra alegação é que o Rio Grande do Sul é responsável por 70% da produção nacional do grão, mas já havia colhido 80% do cereal antes das inundações. Argumentaram ainda que, o Brasil, é um grande produtor de arroz, com um aumento no ano de produtividade em torno de 7% a 8%, negando um problema de abastecimento.

Choveu formas de tentar frear a importação. O (PN) entrou com uma liminar que suspendeu o leilão e impediu a realização de outro evento. A Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA) protocolou uma

Ação Direta de Inconstitucionalidade junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) para suspender o leilão, justificando que criaria instabilidade de preços, prejudicando produtores locais de arroz. Já os deputados ligados à Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), protocolaram uma denúncia junto ao Tribunal de Contas da União (TCU), alegando que a importação pode ser usada como propaganda, pois a embalagem terá a logomarca do governo, o que pode ser considerado crime, por ser ano eleitoral.

Do outro lado do cabo de guerra, apoiadores do governo consideram a rotulagem razoável, já que o arroz será comprado com verba pública. O Conab também defende um novo leilão explicando que desta vez serão contratadas empresas com capacidade técnica e financeira. O governo explica que planeja um novo edital moderno, juntamente com a Advocacia Geral da União (AGU) e Controladoria Geral da União (CGU), para buscar correções. A urgência é justificável pelas questões logísticas que dificultam o escoamento temporário dos alimentos para o restante do Brasil, já que estradas gaúchas foram destruídas.

NÃO SÓ O ARROZ

Além do arroz, o Rio Grande do Sul também é um dos maiores produtores na-

FOTOS GABI LINO



cionais de soja, trigo e carnes, segundo dados da Conab. Outro problema climático que atingiu o estado, um ciclone subtropical, em 2008, resultou no aumento do arroz em cerca de 40% no atacado e 20% no IPCA em um mês, naquele ano. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram a importância da economia gaúcha, que atingiu R\$ 581,3 bilhões em 2021. O estado representa a quarta maior economia do país, com 6,5%.

Em entrevista ao site da Associação de Supermercados do Estado do Rio de Janeiro (Asserj), Alessandra Ribeiro, economista da Tendências, destacou que a mudança de clima em função do El Niño afetou a oferta de alimentos in natura como cebola e batata. Em razão das enchentes do Rio Grande do Sul, ela espera ainda altas de preços mais persistentes de arroz, trigo e soja, o que poderá impactar indiretamente pães e carnes.

PROCURA E OFERTA

Os pratos típicos juninos não podem faltar nesta época: bolo de fubá, canjica, pamonha, milho, maçã do amor, cocada, arroz doce, caldo verde, curau, cuscuz, e tantos outros que dão água na boca.

O problema é que muitas dessas comidas utilizam em seu preparo ingredientes parecidos, o que causa maior procura e, segundo os produtores, justifica a alta dos preços neste período. É o caso do coco seco, que no início do ano custava R\$120 o saco de 20 quilos. Com a chegada das festas, já é possível encontrar o produto por R\$220.

Um levantamento do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE), revelou que ingredientes e insumos para os pratos típicos dessas celebrações apresentaram um aumento de 3,28% em comparação com o mesmo período do ano passado.

A MARÉ SENTE

O aumento do valor dos legumes é confirmado por **Barbosa Lima**, proprietário de um sacolão da Vila dos Pinheiros. "Ainda bem que baixou o preço da banana. Agora, o que está com o preço lá no alto é a batata e a cebola. Acredito que seja em função das chuvas do Sul", comenta. Segundo o FGV/IBRE a batata inglesa subiu 60,66% nos últimos 12 meses, e no final de maio, o saco de 25kg chegou ao patamar de R\$220.

"Sempre arrumam desculpas para aumento de preço. A batata no Ceasa agora, no final de junho, é possível encontrar entre R\$140 e R\$150 a boa, o que ainda é caro. Eles fazem o que querem, pois, a batata mais barata é

toda ruim", analisa **Francisca de Oliveira**, feirante da Nova Holanda.

Cláudia Alves, da Vila dos Pinheiros, atua há 14 anos no ramo de alimentação, além de se considerar uma economista da favela. "O preço está em alta da farinha, batata, trigo, arroz e óleo. Colocam a culpa na enchente, mas antes o preço do arroz já estava em R\$30. Acredito que é uma desculpa, a vilã mesmo é a inflação. Eu não repasso isso para os meus clientes, a tabela dos buffets é a mesma apesar da inflação. Percebo que as pessoas se aproveitam da situação para aumentar, um dia a batata é R\$13 o quilo, já no outro é R\$15", reclama.



TRANSFORMAÇÃO AMBIENTAL DA MARÉ

Da riqueza dos manguezais à luta pelo saneamento e os esforços para restaurar o ecossistema mareense

HENRIQUE SILVA

“VIAGEM A COSTA DA MARÉ”

“Ao meio-dia e meia, partimos em direção ao Engenho da Pedra, distante 1.200 metros. Navegamos pelo Canal do Fundão, passando pela Pedra da Cruz. Contornamos a orla de manguezais de *Rhizophora mangle* e *Avicennia*, na Coroa das Negras. Enquanto bandos de garças voavam, avistamos o Morro de Inhaúma, a Ponta do Tibau, e, do lado oposto, a Ilha do Fundão, Pindaibas de Cima e de Baixo, e a Ilha do Bom Jesus. Essas ilhas, junto com a Sapucaia e o Pinheiro, formam uma bacia conhecida como Sacco do Mangue Alto, com três saídas: o canal do Bom-Jesus-Sapucaia, o canal do Caçõ, entre esta e a do Pinheiro, e o de Inhaúma, entre esta ilha e o porto homônimo. Remamos até esse ponto, percorrendo 2.800 metros, com Cony e José Vidal nos remos e eu no leme”.

O trecho acima foi retirado do jornal *Correio da Manhã* de maio de 1936, escrito por Magalhães Corrêa, parte da série de matérias intitulada: *A Guanabara como natureza - Águas Cariocas*. Nesta edição, Corrêa descreve o cenário da orla onde atualmente está localizado o território da Maré. O território possuía uma flora que já não é mais encontrada, como o mangue *Avicennia* (Mangue Preto) e o *Rhizophora mangle* (Mangue Vermelho) nessa região da baía, que inclui o Conjunto de Favelas da Maré.

Os manguezais têm grande importância para as comunidades costeiras

em todo o mundo, garantindo a alimentação e a proteção dessas áreas. Além de abrigarem uma vasta biodiversidade, esses biomas servem como refúgio para várias espécies de peixes, são eficazes na captura de carbono e ajudam a mitigar os gases de efeito estufa.

TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE E DA BAÍA

Ao analisar mapas e cartas que tratam a Baía de Guanabara na segunda metade do século 19, é possível observar várias praias e espaços de costa que já não existem mais. Isso se deve ao avassalador processo de urbanização e à ideia de “modernização da cidade” no início do século 20.

Desde então, houveram muitas transformações na paisagem natural do espaço urbano: a drenagem de pântanos e mangues, os aterros que avançaram sobre o mar no entorno de toda baía, o desmonte de morros. Ao longo dos anos, sem estudos sobre os impactos dessas obras, os futuros moradores cariocas começaram a sofrer as consequências.

CÚPULA DA TERRA

As consequências das mudanças climáticas vêm sendo discutidas globalmente há alguns anos e, um capítulo importante dessa história, foi escrito na cidade do Rio de Janeiro, sede da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Unced, na sigla em inglês).

A Rio-92, como ficou conhecida, foi realizada em comemoração aos 20 anos da Conferência de Estocolmo, em

1972, e reuniu autoridades do mundo inteiro. Considerada a “maior conferência ecológica de todos os tempos”, a Rio-92 deu origem a diversos acordos internacionais e foi um marco para a diplomacia brasileira.

No entanto, uma das principais propostas feitas no contexto do evento não teve muito êxito. O Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG) contou com financiamento do Banco Mundial e tinha o objetivo de sanear a parte continental da baía para que a poluição não chegasse na água. Porém, as obras feitas entre 1991 e 2006, não beneficiaram a população que mais precisava: a que vive no entorno da baía.

No contexto do PDPG, foram construídas estações de tratamento de esgoto ao redor da baía, como a Estação de Tratamento Alegria, no Caju. Esta estação está estrategicamente localizada na saída da baía, nos fundos do conjunto de favelas da Maré, mas infelizmente não opera com sua capacidade total. Além disso, mesmo estando ao lado da Maré, até os dias de hoje não há qualquer conexão entre a estação e o conjunto de favelas.

SEM DIREITO A SANEAMENTO

Como mencionado em edições anteriores desta série, historicamente, a Maré passou por grandes aterros realizados pelos governos Federal, Estadual e Municipal para a construção de conjuntos habitacionais, da Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e das vias



expressas, o que acabou por bloquear a conexão direta da Maré com a Baía de Guanabara.

Ao longo das obras do Projeto Rio, nos anos 1980, foram aterrados cerca de 256 hectares no entorno da baía, deslocando assim toda a orla original e reduzindo o canal entre a Maré e a Ilha do Fundão. Nessa mesma obra, foi feita uma ligação de parte do esgoto do conjunto com a estação de tratamento da Penha. No entanto, até hoje, mais da metade dos domicílios da Maré não possuem nenhuma ligação com uma estação de tratamento.

Por conta da negação estrutural de um direito fundamental para a dignidade humana, o saneamento básico, todo o esgoto produzido neste território é jogado diretamente nas águas da baía, causando diversos problemas que afetam a sociedade em dimensões individuais e coletivas.

Na época do Projeto Rio, o professor da UFRJ, **Elmo Amador**, foi um dos responsáveis pelo grupo de pesquisadores que elaboraram um parecer sobre o aterro da Maré para o governo. Em entrevista para o *Jornal do Brasil*, em junho de 1979, ele condenou a obra e disse: "na área que se pretende aterrar (o mangue do Caju até Caxias), o necessário são obras de saneamento, desassoreamento, reconstituição do sistema de circulação de águas e regularização do entorno".

LINHA VERMELHA

Outra obra da cidade do Rio que acabou com a conexão entre a Maré e a baía foi a construção da Linha Ver-

melha, inaugurada em 1992, que produziu uma série de aterramentos e, por consequência, é uma das causas de vários alagamentos até hoje. Durante a construção, as associações da Maré protestaram e fizeram um estudo junto com pesquisadores da UFRJ sobre os impactos da construção da via.

Eliana Sousa Silva, à época presidente da Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda, já afirmava:

"A Avenida Brasil está na nossa frente e teríamos a Linha Vermelha atrás. A Nova Holanda faz parte, com outras oito comunidades, da área da Maré, que se estende ao longo da Avenida Brasil. Somos, ao todo, cem mil pessoas. A região é aterrada e os engenheiros dizem que não suportaria novas obras. Com o tempo, começariam a aparecer infiltrações por toda parte, colocando em risco a Maré. Nós temos essa preocupação. Não seremos afetados com desapropriações, mas qual é a segurança que teremos se esta obra for mesmo realizada?"

BUSCA POR SOLUÇÕES

Com o objetivo de integrar de maneira crescente as práticas de desenvolvimento sustentável no conjunto de favelas da Maré, a Redes da Maré, através do projeto EcoClima, tem trabalhado para diagnosticar problemas e buscar soluções para o território.

O projeto, que acontece em parceria com a Petrobras e com o departamento de engenharia ambiental da UFRJ, tem implementado um conjunto de técnicas e tecnologias inovadoras que contribuem para a conservação ambiental e a mitigação dos impactos das mudanças climáticas.

Uma das quatro tecnologias ambientais desenvolvidas é a restauração de um hectare de manguezal, o que inclui a remoção de resíduos sólidos, a proteção do espaço contra novos resíduos e o plantio de espécies nativas de mangue.

Iniciativas como a recuperação de manguezais proposto pelo EcoClima representam passos importantes para reduzir impactos, promover a sustentabilidade e preservar o patrimônio natural da região. O programa é também importante pela produção de conhecimento como ferramenta de incidência política, para cobrar políticas públicas de meio ambiente, urbanização e saneamento e melhorar as condições de vida dos moradores da Maré e da Baía de Guanabara.



FOTOS PATRICK MARINHO

A VIDA IMITA A ARTE

Favela Salsa e Merengue tenta superar dificuldades como em uma verdadeira novela

HÉLIO EUCLIDES

Quem acha que o nome da última favela a ser inaugurada na Maré tem a ver com dois gêneros de dança e música latina, se enganou. O Conjunto Novo Pinheiro, ou melhor, o Salsa e Merengue, foi batizado popularmente com esse nome em função das casas serem coloridas, que remetia as cores dos domicílios da novela com o mesmo nome, exibida entre 1996 e 1997, período que começou a obra de aterramento do mangue.

Inaugurada em 2000, a favela construída pela Prefeitura do Rio tinha como função abrigar as populações removidas de algumas áreas da cidade, que foram afetadas pelas fortes chuvas do ano de 1996. Nova Sepetiba, na zona oeste, e Marrocos, favela que ficava localizada atrás do Ciep Ministro Gustavo Capanema, na Maré.

Dessa forma, foram extintos os antigos alojamentos conhecidos como Kinder-Ovo, que ficavam no entorno do Ciep. O restante da população assentada no Salsa e Merengue, veio das favelas da Galinha, Beira Rio e Varginha, às margens do Rio Faria Timbó.

Situado próximo ao Canal do Cunha, o Salsa e Merengue tinha originalmente 1.850 casas, divididas por ruas e mini vilas. Uma delas era a Vila dos Idosos, local que recebeu pessoas acima dos 60 anos, onde duas casas dividiam o mesmo banheiro. Com o passar do tempo, o local perdeu essa característica de faixa etária e os moradores realiza-

ram, por conta própria, as separações dos cômodos.

Ainda hoje, a favela sofre com graves problemas estruturais, como a falta de saneamento básico. Devido à tubulação ser pequena para comportar a população, ocorre o imprevisto de ligação de esgoto no canal de águas pluviais.

A favela também tinha algumas praças, que possuíam academia da para pessoas idosas e brinquedos, mas com a ocupação de novos moradores, construção das escolas no Campus Maré II e o descaso do poder público, os espaços de lazer foram sumindo. Outro problema antigo é a ausência do serviço de entrega das correspondências pelos Correios.

NOVOS TEMPOS

Carina Souza, de 36 anos, chegou ao local ainda criança. Ela se recorda como a favela era tranquila, com poucos carros e motos. "Mudou muito, agora é muito barulho. Falta calçadas e área de lazer para as crianças. Sinto muita saudade do passado, quando tínhamos muito espaço para brincar. Quando cheguei tinha mais qualidade de vida, agora, cresceu muito verticalmente, o resultado é um saneamento básico desestruturante. Outra consequência é que no verão há muita queda de energia", ressalta.

Um diferencial do local são as ruas largas. Essa foi a primeira visão de

Graça Marrero, de 68 anos. "Me fascinei pelo local. Quando surgiu a construção do Salsa e Merengue, comprei logo a casa, pois tinha o desejo de recomeçar a vida. Esse lugar é abençoado por Deus, aqui tem muita gente boa, um vizinho ajuda o outro", comenta. Parte das casas da favela foram submetidas ao projeto Casa Carioca, incluindo a de dona Graça, que passou por impermeabilização, pintura e rebaixamento de teto.

Poucas pessoas permanecem na favela desde a inauguração e a moradora confessa que só conhece duas famílias. "Acredito que as pessoas foram se magoando. Eu não consigo trazer visitas para minha casa, pois às vezes é preciso se desviar dos urubus. Antes a coleta do lixo era de porta em porta, depois de um tempo inventaram esses contêineres que vivem transbordando. O resultado é colocar sal na porta para evitar a entrada dos tapurus", reclama.

Apesar das dificuldades, ela declara que só trocaria sua casa no Salsa e Merengue por outro lugar dentro da própria Maré. "Aqui tudo é perto, amo a Maré", revela.

O Salsa e Merengue foi a favela escolhida para homenagear Marielle Franco, por meio de uma escola municipal que leva o nome da vereadora.



CADERNO DE CULTURA

ONDAS SONORAS DAS ORQUESTRAS MAREENSES

Orquestras da Maré transformam as vidas de jovens e adultos pela música

LUCAS FEITOZA

A musicalidade das favelas é geralmente conhecida pelo funk, samba e pagode, mas há outros ritmos que também tocam os corações mareenses. Por exemplo, a música clássica. A Maré tem hoje pelo menos duas orquestras que unem a paixão pela música com a força da juventude, trazendo novas sonoridades para o bairro e conquistando cada vez mais novos territórios.

As orquestras Maré do Amanhã (OMA) e a Camerata do Uerê, atendem crianças e adolescentes e trazem algumas conquistas em suas trajetórias: a Camerata do Uerê existe há oito anos e, por lá, já passaram mais de cinquenta crianças. Em julho, a orquestra abriu o Rio Harpa Festival 2024, que homenageou a África.

A OMA foi eleita como Patrimônio Cultural Imaterial do Rio de Janeiro, em 2023, e já atendeu mais de quatro mil crianças em 25 anos de existência. Entre os feitos mais notáveis na lista da OMA estão: a apresentação para o Papa Francisco no Vaticano (Itália), a apresentação no Palco Favela do Rock in Rio, em 2019, e o desfile na Marquês do Sapucaí, com a bateria da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis. Além de apresentações ao lado de grandes nomes da música como Alcione, Anitta e Ludmilla.

Apesar dos feitos, as coordenações das orquestras concordam que, o maior deles, é a transformação feita na vida dos alunos.

RESPEITO PELA MARÉ

Andressa Lelis, de 16 anos, moradora da Vila dos Pinheiros, já participou das duas turnês internacionais da OMA. Ela conta que entrou na orquestra por incentivo dos pais, que viram seu interesse em tocar violino e piano, e que através da orquestra, ela vê uma mudança significativa no olhar das pessoas para a Maré.

“As pessoas achavam que aqui só tinha violência, mas quando falo que faço parte da orquestra, elas vêem diferente”. Andressa acrescenta que a relação dela com a Maré também mudou depois da orquestra: “Eu tenho respeito, e gosto de mostrar para as pessoas que eu faço parte da orquestra, para elas respeitarem a Maré também”.

Além das apresentações, a OMA também capacita os alunos para os testes de aptidão

específica (T.H.E), em que os alunos, para ingressarem em faculdades de música, precisam tocar clássicos de compositores como Beethoven, Bach e Mozart.

REPERTÓRIO PARA TODOS

O professor da orquestra Camerata do Uerê, **Valnei Alves**, de 19 anos, morador da Nova Holanda, conta que o interesse pela música veio da curiosidade ao ver o violino pela primeira vez. Ele comenta sobre a importância de garantir o acesso à cultura para todos.

“Nós fazemos concertos didáticos nas escolas e cantamos músicas populares justamente para chamar o público para cantar. Pela falta de acesso, as pessoas não têm interesse mesmo. Por isso é importante os projetos sociais, para permitir que todos tenham acesso e levar a arte para todos”.

O maestro da Orquestra Maré do Amanhã, **Filipe Kochem** explica que, para as escolhas das músicas, eles têm a preocupação de aproximar o público: “Para as crianças menores, a gente toca cantigas de roda. Para o público adolescente, a gente toca música de jogos, séries e filmes”.

O maestro acrescenta que: a identidade da Maré é considerada para a escolha do repertório, com uma lista de músicas nordestinas e funks que fazem sucesso nas apresentações.

DESAFIOS

O Instituto Vida Real, com o projeto Música na Maré, também possuía uma orquestra, mas a mesma está parada no momento, por falta de patrocínio, mas, apesar da paralisação, as aulas de música continuam na ONG.

Carlos da Silva, de 27 anos, morador da Nova Holanda, começou no projeto como estudante em 2017 e hoje é também professor.

“A música me mostrou outro caminho que eu posso seguir”, afirma.



FEMINISMO FAVELADO NO COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS

Estratégias de enfrentamento são mostradas em livro de cria da Maré e pesquisas no território

ANDREZZA PAULO

Em 25 de julho celebramos o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e esta é uma data importante para refletir sobre estas mulheres, que formam a maioria da população das favelas do Brasil. De acordo com o Censo Maré (2019), 61,2% das mulheres do território se auto-declaram pardas ou pretas e, são essas mulheres, as mais impactadas diariamente pelas violências de gênero, classe, raça e território.

No livro *Feminismos Favelados*, a autora e cria da Maré, **Andreza Jorge**, aborda a relação do movimento feminista tradicional e o entendimento de que as mulheres de favela têm especificidades, que ultrapassam as discussões gerais do movimento, gerando uma maneira diferente de mobilização.

No lançamento do livro, em 2023, a autora contou ao Maré de Notícias: “A vida das mulheres de favela transcende a compreensão das categorias de classe, de raça e de gênero. Estamos falando de um território e de mulheres que têm ações que incidem diretamente nelas, então, se temos opressões específicas, temos resistências específicas”.

MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS

Um dos pontos que ecoam quando se trata de território, é o contexto de violência armada. Um cenário de violações individuais e coletivas, como fechamento das unidades de educação e saúde, invasões de domicílios, agressões e mortes por arma de fogo. Segundo a pesquisa

Violências, Corpo e Território sobre a vida das Mulheres da Maré, no ano de 2019, 58% das vítimas de violações de direitos foram mulheres.

Além dos dados, a pesquisa realizada em parceria com três universidades: a Universidade de Cardiff (Reino Unido), a Universidade de Warwick (Inglaterra), a Escola de Serviço Social da Universidade Federal (Rio de Janeiro), com o eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré, mostra através dos relatos de algumas dessas mulheres, como o direito à vida é violado.

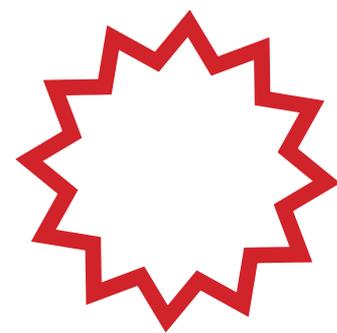
“Estou vivendo pela graça de Deus e pelos orixás. Eu sou uma mulher morta! Minha aparência por fora é uma coisa, por dentro, é outra, morta. [...] Eu me sinto uma mulher sem... para mim, eu não existo mais, eu sou uma mulher morta. [...] Porque eu sou mulher de brilho, mas meu brilho está apagado desde que meu filho morreu, para mim nada é importa na vida mais”.

Desabafa Dete.

O mapeamento feito pelo projeto *De Olho na Maré* identificou que: a maioria das mortes no território são de homens negros, mas são as mães, irmãs, filhas, avós e esposas que precisam lidar com a perda. Elas acabam iniciando a busca pelo acesso à justiça por seus entes queridos mortos, sem muitas vezes terem o direito ao luto.

SAÚDE IMPACTADA

A perda de um familiar é sempre difícil, mas pode se tornar ainda mais angustiante quando



FOTOS RATÃO DINIZ



acontece em contexto de violência. Quando se trata de mulheres negras (pretas e pardas) e de favela, o sofrimento está atrelado à dificuldade de acesso à justiça e a histórica violação de direitos, atrelado à criminalização de seus corpos.

“Eu deixo de ter acesso a muitos serviços que eu tenho; tanto por questões financeira, mas também por nunca saber se eu vou ter minhas questões devidamente compreendidas, tanto por ser mulher, como por ser lésbica e por ser uma mulher negra. E a gente sabe das dificuldades que a gente tem até mesmo no acesso médico, questões de achar que a gente suporta mais dor, entre outras coisas. A gente sabe muito bem de onde vem esses achismos.”

Narra Marina.

Em 2023, o Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (Elsa-Brasil), que acompanhou desde 2008, a saúde de mais de 15 mil adultos e idosos em seis capitais brasileiras, comprovou que, entre os anos de 2008 e 2010, para cada (01) pessoa branca vivendo com seis ou mais doenças crônicas, havia aproximadamente 13 pessoas pardas e 15 pessoas pretas na mesma situação.

Pessoas pretas, eram as mais adoecidas para hipertensão (48%), diabetes (27%), doença renal crônica (11%) e, quase um terço desse grupo, eram pessoas com obesidade. Já as pardas estavam logo na sequência, com 23% do grupo com hipertensão, 20% com diabetes, 9% com doença renal, e 23% com obesidade.

O estudo constatou ainda que, as mulheres pretas, eram as mais adoecidas por múltiplas condições. Cerca de 10% das mulheres pretas conviviam com seis ou mais doenças crônicas no início do estudo. Em torno de 40% delas, conviviam com transtornos mentais como ansiedade e depressão, e 35% com obesidade. Para cada 10 óbitos de mulheres brancas, morreram 14 mulheres pardas e 17 mulheres pretas.

O Elsa-Brasil é conduzido por pesquisadoras(as) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), da Universidade de São Paulo (USP) e das Universidades Federais de Minas Gerais (UFMG), do Espírito Santo (Ufes), da Bahia (UFBA) e do Rio Grande do Sul (UFRGS).

REDE DE APOIO ANCESTRAL

A Casa das Mulheres da Maré, equipamento da Redes da Maré, em parceria com a King’s

College de Londres, realizou a pesquisa Práticas de Resistência para Enfrentar a Resistência Urbana de Gênero na Maré. No estudo, as mulheres da Maré identificaram as seguintes estratégias para lidar com a violência armada: ficar em casa; buscar espaços mais protegidos dentro das casas; avaliar o risco das rotas, quando necessário circular; usar aplicativos on-line no celular para obter informações sobre situações e/ou documentar a violência; e ficar com outras mulheres para evitar agressões e abusos durante invasões domiciliares pela polícia.

As redes de apoio de outras mulheres, como mães, avós e tias, surgem como um recurso fundamental em situações de violência doméstica, abuso e necessidade de acesso à justiça para amparar mulheres. Em conflitos armados, as vizinhas cuidam das crianças, buscam nas escolas e se fazem presentes para assegurar a integridade dos pequenos na ausência do responsável.

Para a autora Andreza Jorge, este tipo de prática faz parte de um saber transgeracional ou ancestral, formando uma rede de proteção. A doutoranda em Estudos Culturais na Universidade Virginia Tech, nos Estados Unidos, enfatiza que o conceito por trás do livro, parte de vivências coletivas, ancestrais e familiares:

“Eu sou a pessoa que escreve o livro, mas ele é um resultado do acumulado de experiências vividas que não são só minhas. Ele traz a experiência coletiva familiar, matriarcal e de todas as mulheres que vem exercendo espaço de liderança. Então, é uma tentativa de representar essas mulheres, que estão vivendo uma realidade muito específica e forjando essas soluções coletivas e individuais”, ressalta.

Para ler a pesquisa Violências, Corpo e Território sobre a vida das Mulheres da Maré completa, acesse o QRcode:



PINTAR, RESISTIR E REINVENTAR

O pintor André Vicente retrata a beleza da Maré e os desafios na arte

ANDREZZA PAULO

Para **André Vicente**, morador da Vila dos Pinheiros, a vida é um ciclo constante de idas e vindas, de novos afetos e amores adormecidos, que podem despertar.

O artista, que redescobriu a paixão pela pintura após anos longe das telas, hoje possui um acervo de mais de 50 painéis e incontáveis artes produzidas, sempre com a essência da Maré presente em suas obras.

“O que me motiva hoje é poder criar, inspirar e passar adiante [minha arte]. Seja vendendo ou dando de presente, tendo sempre o nome aqui da Maré, tendo nas telas referências aqui onde eu moro”, diz.

ARTE E CIÊNCIA

A jornada artística de André começou em 2008, inspirada por revistas de bancas de jornais. A falta de dinheiro para os materiais, fez com que ele experimentasse misturas incomuns, criando obras pequenas e abstratas. O artista relembra a trajetória e os desafios que enfrentou, como o desemprego.

“Anos mais tarde, eu decidi voltar para a área de saúde, como técnico de enfermagem e trabalhei em várias coisas. Em um momento de desemprego, fui trabalhar com serviços gerais, morei fora, em Brasília, onde perdi 99% dos meus materiais de pintura”, conta.

Em 2019, ele voltou para o Rio de Janeiro, como biomédico, para trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), tendo contato com projetos de arte e ciência e com obras de Van Gogh, Monet e Picasso, o que reacendeu o desejo de pintar. A pandemia e o isolamento foram catalisadores para a retomada dessa paixão, além do incentivo de um amigo.

CRIATIVIDADE COMO ALIADA

Sem recursos para um professor particular, André se empenhou a aprender técnicas no YouTube e a desenvolver sua própria visão artística, com auxílio de

artistas que produzem vídeos gratuitos na plataforma, como os brasileiros Amauri Júnior e Pollyanna Ferreira, e o espanhol Hangel Montero.

Ele incentiva que, outras pessoas, explorem a arte utilizando materiais disponíveis. “Não tem idade, né? Qualquer pessoa pode fazer, nem que seja para deixar na parede de sua casa e falar assim: ‘olha, essa tela é assinada por mim, ela é feita por mim e não há outra igual’, e sempre levando em conta que a imaginação é a senhora das ideias”, reforça.

Desempregado no momento, André confessa que o processo de criação não tem sido fácil, e que o apoio financeiro a artistas periféricos ainda é uma luta constante. “Às vezes, eu vendo uma tela para comprar outra, para pintar e seguir adiante. Às vezes, eu vejo uma tela antiga que serviria até como um documento de trajetória, mas acabo fazendo uma coisa por cima dela. Passo a tinta por cima, coloco outra coisa no lugar do anterior, e transformo em algo novo”, conta.

MARÉ COMO INSPIRAÇÃO

A paixão pela pintura o conecta com o território e o inspira a compartilhar sua visão artística com o mundo. André pinta cenas do cotidiano da favela, como crianças brincando de bola nas ruas e as belezas simples da vida na Maré.

Uma das telas, retratando um mosaico de diferentes favelas, foi exposta na Creche e Escola Sonho Infantil - SER, na Baixa do Sapateiro.

Para ele, a pintura é uma forma de se expressar: “Eu gosto de recriar, de transformar minha imaginação em tinta, em cores, formas, curvas retas, de transformar a arte em sentimentos”.

FOTOS GABI LINO

